

Redactores :

Evaristo Teixeira Junior
João Pereira da Costa
Antônio Stenzel Filho

CHEFE DA REDACÇÃO:

Guilherme J. da Costa.

AURORA DA SERRA

Órgão da Sociedade Literaria == Aurora da Serra ==

Redactores :

Evaristo A. de Castro
Henrique Uffacker
José Lucas Dias

COLLABORADORES :

Diversos.

CRUZ-ALTA, 1 DE OUTUBRO DE 1885.

Aurora da Serra

Manifestação á Exm.^a Sr.^a D. Pacifica Tatsch Peixoto.

No dia 20 do passado realisou-se n'esta cidade, por parte da Academia dos Timidos, uma esplendida manifestação a esta Exm.^a Sr.^a, pelo facto esplendente de haver offerecido um lindo estandarte a mesma Academia.

As oito horas da noite ao som de bonitas peças de musica, dirigirão-se a sua residencia—onde havia uma aglomeração de cidadãos e espectadores.

Fallou em primeiro lugar por parte da mesma associação a entregar-lhe o diploma de socia benemerita, o Sr. Josino dos Santos Lima, patenteando brilhantemente a fim que ali os conduzia, entregando-lhe o diploma envolto em elegantes e poeticas frases, fallou em segundo lugar o Sr. Alfredo de Moraes Silveira, revelando a força poderosa do homem, e da mulher bella e cheia de afagos matutinos, derramando o rocio fervoroso de suas delicias e candura em uma alvorada de futuro e de risosas esperanças...

Fallou em seguida o Sr. Celso Dezouart—coroando em tão solemne momento no marmore elevado e glorioso da palavra a belleza e grandeza dos nobres sentimentos do coração, fazendo realçar o merito da mulher virtuosa.

Antes de convidar para entrarem, respondeu commovidamente por sua parte, e de sua distincta consorte e filhinhos, o Sr. Luiz Felipe Peixoto; envolto em uma modestia filha de sua alma nobre, em frases repassadas de alegria e enthusiasmo, agradeceu uma tão elevada prova de apreço tributada asi a sua esposa, e filhos.

Convidados todos para entrarem. esperava-nos uma lauta meza de finos doces.

Fez-se ouvir por parte da sociedade Aurora

da Serra o Sr. Diniz D. Filho, como sempre em frases replectas de sentimentos e eloquencia, disse que regogitava de prazer em ver, transluzir n'esta mocidade intelligente e animada os festivos albos d'um futuro cheio de fulgor e te esperanças para a Cruz-Alta, e finalmente para a patria; admirando e rendendo homenagem a mulher impulsionada pelo moderno ideal da arte, magestosamente synthetizada na illustre manifestada.

Fallou depois o Sr. Evaristo Affonso de Castro saudando pomposamente na distincta manifestada a supremacia da mulher, a sublime sacerdotiza de tudo que é bello e grande, citando os nomes gloriosos de Beatriz de Dante, Natércia de Camões, e da bella Marília, do desventurado Gonzaga; fazendo resurgir naquella occasião solemne a luz divina da mulher como a verdadeira inspiradora das grandes ideias.

Fallou depois o Sr. José Verissimo da Fonseca lembrando o movimento abolicionista n'esta cidade, a vontade o bom exito na pessoa do Sr. Evaristo Affonso de Castro;

O Sr. Guilherme Verissimo da Fonseca em frases resplendentes de enthusiasmo expressou a sua posição como membro da academia dos timidos em tão soberano momento.

O Sr. José Annes Dias, acobertado pela modestia—citando as palavras do Sr. Luiz Felipe Peixoto fallou por ultimo saudando aos dignos manifestados, marchetando tudo aquelle ambiente tão bellamente illuminado—dizendo que ali uma couza se elevava, e se elevava indifinidamente, era a virtude da mulher dignamente representada na Exm.^a Sr.^a D. Pacifica Tatsch Peixoto, e o esforço proprio no cidadão Luiz—e dizia uma grande verdade.

Fallou tambem por parte da sociedade Aurora da Serra, o seu 1.^o secretario João Costa—dizendo que sentia não possuir frases para exprimir o enthusiasmo diante de uma esplendorosa festa, e que se associava a ella cheio de satisfação, e por si e pela sociedade Aurora da Serra, saudava aos dignos manifestados, alvos da

tão merecida homenagem.

Fez o brinde de honra o Sr. Josino dos Santos Lima, brindando entusiasticamente a mulher.

Envio aos Illustres manifestados e benevolos leitores esta singella descripção feita ao correr da penna. . . e depois quanta omissão? Sim era mesmo preciso um espirito lucidamente robusto para poder reproduzir uma 'tão esplendida festa—é isto apenas um insignificante tributo—aceitem,

Cruz-Alta, 1º de Outubro de 1885.

J. C.

Corymbo

D. Revocata H. de Mello.

O apreciado Corymbo transformou-se em uma bella Revista mensal. E sua principal redactora a Exm.^a Sr.^a D. Revocata de Mello, magnifica poetiza e escriptora distincta.

Muitas outras Exm.^{as} Sr.^{as} como D. Aquitania, Julieta Monteiro, abrilhantavão suas paginas com trabalhos de subido merito.

Para nós, para os que admirão a civilização no auge de suas concepções philosophicas, rende mos sinceros preitos de consideração a mulher que ao lado do homem constitue-se athleta fer vorosa do grande século em que vivemos; empunha a penna e emprega os fructos primorosos de sua intelligencia em prol do adiantamento social de sua patria, e do universo inteiro.

Estas Exm.^{as} Sr.^{as} esão n'este, caso, e louvando a inquebrantavel energia em prol das letras patrias—o precursor mais seguro das grandes nacionalidades—ali temos o exemplo soberano da França, Inglaterra, Alemanha, Estados Unidos e muitos outros paizes cultos—rendemos homenagem a virtude da mulher consciante de seu valor nos altos destinos da humanidade, na via de seo maximo esplendor e progresso!

Assim pois daqui d'este recanto selvatico de nossa cara provincia, enviamos os protestos de nossa admiração, e que a cor carregada de nossas palavras não vão ferir a modestia de tão preclaros nomes envoltos em tão nobres sentimentos.

Admiradores fervorosos do bello em cada estrophe palpitante de seiva e de amor patrio

que chega-nos ao ouvido encheríamos o scintillar de resplendentes auroras no céu azul da Patria; e quando estas estrofes são partidas do seio virgem da mulher ainda mais nos animão, e inspirão a tambem concorrer com o nosso insignificante obulo em prol do esplendoroso destino, que indubitavelmente aguarda o paiz tão bello e tão prodigamente dotado como o nosso.

Assim confraternizados pelo mesmo ideal ideal do bello e de todas as mais sublimes manifestações de pensamento—enviamos d'aqui d'este obscuro recanto um brado de entusiasmo pelo apparecimento da illustrada Revisto, Cruz-Alta 1º de Outubro de 1885.

J. C.

Tenente Coronel José Lopes da Silva.

Ao amanhecer do dia 6 do corrente allou se a manção dos justos o prestimoço cidadão Tnt. Coronel José Lopes da Silva, proeminente chefe do partido conservador desta localidade.

O finado era um dos caracteres distinctos desta terra, por isso a sociedade cruz altense, se cobrio de crepe ante o tumulo do distincto morto. Bom filho, extremozo pae, bem amigo e cidadão—eis o que foi sobre a terra aquelle que neste momento choramos sna morte.

A Revista «Aurora da Serra» envia nestas linhas, a familia do illustre finado, seus sinceros votos de pesar por tão sensivel perda.

Cruz Alta, 7 de Setembro. de 1885.

E. A. de Castro.

Discurso pronunciado no dia 29 no theatro desta cidade por E. A. de Castro.

Minhas senhoras e meue senkores

Se não existisse o vicio, não existiria a virtude. Se não existisse o crime, não existiria a justiça. Se não existissem as trevas não existiria a luz.

Pois bem, o vicio, o crime, a iniquidade são

filhas da ignorancia, e a ignorancia é filha das trevas.

Houve tempo em que a humanidade viveu envolta no espesso manto da mais crassa ignorancia; tudo então eram trevas. Foi então o reinado do vicio, foi então o reinado do crime, foi então o reinado da injustiça e da iniquidade.

O unico direito então conhecido era o direito da força, o direito do forte contra o fraco, dando em resultado o cumulo das iniquidades—a escravidão.

Mais tarde surgiu no horizonte o sol radiante da verdade, e seus beneficos raios foram pouco a pouco, rasgando esse denso véo em que se envolvia a humanidade.

Uma cruz que se elevou no cimo d'um monte, donde irradião as sublimes doutrinas do divino martyr do Golgotha—liberdade, Igualdade e caridade, vierão dar uma nova vida e uma nova phase aos destinos da humanidade e vão conduzindo os povos pela força potente desta verdade á terra promettida. Atravessando ja 19. seculos, entre as horribéis lufadas do vicio e do crime, ha de um um dia surgir dentre esses escolhidos—Limpida, Pura e Triumphante.

Ha um povo, senhores, gigante, forte e colossal; pela força ingente de seu patriotismo e de seu amor á liberdade, que não posso deixar de lembrar aqui. O povo de que vos fallo é o heroico povo francez, factor da revolução de 89, que patenteou ao mundo inteiro os direitos do homem até ali então desconhecidos. E desde aquelle momento a briza sacrosanta da Liberdade, Igualdade e Caridade, percorre o universo guiada pela força potente da razão, e em sua passagem gloriosa, vai deitando em terra tudo quanto ante si encontra, que se firma no absurdo e na injustiça, no crime e na iniquidade.

Faz hoje um anno que essa briza purificado-ra por aqui passou, deitando em terra o que ainda entre nós encontrou firmado no absurdo—a escravidão. E desde esse momento o povo cruz altense occupa um lugar saliente no grande comicio dos povos livres e humanitarios—lugar que gloriosamente em quatro dias conquistou.

Eu, humilde particula deste povo, congratulo-me convosco por tão feliz anniversario, o glorioso 30 de Agosto, em que esta terra, fadada inquestionavelmente para um brilhante futuro, deu um exemplo ao mundo inteiro, de seu amor á Liberdade, de seu amor á humani-

dade e de seu amor á patria, contribuindo poderosamente para seu progresso e engrandecimento, desterrando deste solo abençoado a palavra—Escravidão.

Viva o dia 30 de Agosto

Viva o povo cruz altense!

Viva a patria

O Primeiro anniversario da emancipação do elemento servil nesta cidade.

Foi brilhantemente festejado o anniversario do elemento servil desta cidade.

Como dissemos no numero passado desta «Revista» vamos fazer uma descripção embora não muito complecta destes festejos.

Ao amanhecer do dia 28 a banda de muzica progresso composta em sua maioria de libertos, fez ouvir escolhidas peças de seu repertorio na praça matriz e em algumas ruas da cidade, subindo aos ares, grande quantidade de foguetes.

As 10 horas desse mesmo dia teve lugar uma missa e a noite um *Tedeum* em ação de graças por tão feliz anniversario, mandados fazer pelos libertos desta cidade, a cujos actos esteve presente uma commissão de 4 membros do Club, Aurora da Serra, que tinha sido convidado para elies, havendo tanto na missa como no *Tedeum* grande concorrência de povo.

A noite subio a scena, no theatro do Club, o drama —Rizos e Lagrimas— e a comedia, =Um quarto com duas camas= cujo desempenho agradou geralmente.

Nessa noite antes de levantar o panno, fallou sobre o anniversario que se commemorava, o 2.º orador do Club, o sr. Capm. Diniz Dias Filho, que fallou brilhantemente. Orou em seguida o humilde autor destas linhas, cujo discurso em outro lugar publicamos. No 3.º acto foi recitada pelo cidadão Honorio de Mattos uma poesia dedicada aos jovens, que tomarão parte no Drama, que em outro lugar desta Revista publicamos.

O Espectaculo esteve animadissimo, sendo chamados a scena por diversas vezes os actores:

No dia 30 a tarde; foram espalhados convites ao povo em geral, para assistir a sessão solenne do Club, Aurora da Serra, que teve lu-

gar as 7 horas da noite no edificio do Theatro.

A hora designado a apresentou-se a banda de música—Euterpe Muzical—habilmente dirigida pelo maestro João Fabricio, fazendo ouvir algumas das escolhidas peças de seu repertorio na frente do edificio que se achava illuminado, elevando os vivas do estylo, foi convidado penetrar no edificio o povo presente.

Nesse momento compareceu a banda de musica dirigida pelo sr. Adão José dos Santos, que tocou algumas peças na frente do edificio.

Occupado convenientemente seus lugares a directoria do Club, e uma commissão de trez membros da «Academia dos Timidos» foi aberta a sessão, sendo presidida pelo 1.º secretário na ausencia do Presidente e Vice Presidente, pronunciando este um bonito discurso declarou, aberta a sessão. Orou em seguida o 2.º orador do Club, fazendo n'um eloquente discurso o historico da escravidão. Orou em seguida o cidadão Honorio de Mattos—que recitou uma linda poesia. Fallarão em seguida o autor destas linhas, os representantes da «Academia dos Timidos» cidadãos José Annes Dias, Celso Dezouart, o 2.º secretario do Club e os cidadãos Luiz Peixoto e Abelardo Campos, que fallarão eloquentemente sobre o anniversario que se commemorava.

Fallarão ainda pela segunda vez o sr. 2.º orador, 2.º secretário, e o autor deste escripto que recitou uma poesia abolicionista do festejado vate Rio Grandense Damasceno Vieira Saudando em seguida a banda de musica—Euterpe Muzical».

Não havendo mais quem pedisse a palavra foi pelo sr. Presidente encerrada a sessão, pronunciando um bonito improviso nesse acto.

Os oradores foram calorosamente applaudidos.

Assim terminarão, entre expansões do mais nobre entusiasmo a festa do 1.º anniversario da emancipação do elemento servil nesta cidade. E' passado um anno, não podemos dizer ainda que o municipio está livre, mas restão 110 escravos mais ou menos, e forão concedidas —654—liberdades.

Portanto já é alguma cousa e podemos considerar livre o municipio.

E. A. Castro.

A^a uma minha namorada.

Ora essa ! Pois mocita
Tu podes imaginar
Que eu não te achando bonita.
Vá mesmo te namorar ?

Que pretensão ! Que vaidade !
Que creancice essa tua !
Parece, cara deidade,
Que andas no mundo da lua.

Eu, que só amo a belleza,
O olhar, o gesto, o sorriso.
Te amar, quando a natureza
Negou-te... Ora que juizo !

Por eu ser moço e poeta
E render culto á mulher,
Não segue-se que vá, pateta,
Me apaixonar por qualquer.

Stenzel.

Collaboração

Amor e saudade.

AO AMIGO C. DEZOUZART.

Viver longe de ti ? ai ! não querida...
Minha coragem, toda já perdi...
Se hei de findar em longa ausencia a vida
Antes que finde já...mas junto a ti

Lembras-te, virgem, dessas horas suaves,
em que fruíamos os mais felizes momentos de
nossa existencia ?

Dessas tardes de primavera, quando o sol já
a sumir-se no poente, deixava apoz-de si as nuvens
pardacentas do crepusculo,—é a lua despertando no cimo das montanhas, espalhava
sua luz vivificante e resplandecente nas verdes
relvas ? ! Lembras-te ? ! Era sempre
nesse doce momento de encantadora saudade,
que eu esperava ver-te assumir a janella, para
contemplar o teu mimoso rosto e alcançar
de teus labios castos o divinal sorriso, que espalhava
no meu pobre coração a mais pura e
santa alegria !

—Lembras-te, quando os primeiros raios do formoso astro do dia se apresentavam e douravam sua fronte bella e mimosa, illuminando seus cabellos soltos a fluctuarem sobre seus hombros, alvo como o lyrio?! Lembras-te?! Então a tímida aragem levava-te os suspiros que de meu peito saíam, e osculava te segredando amores?! Quão differente é hoje o meu viver! Em vão, a briza perpassa—cantando alegre... em vão—a formosa *Phoebe* caminhando brilha, e vai esconder-se pelas serranias, alem... em vão!... os ribeiros e as fontes com os seus poeticos murmurios; as campinas matizadas de perfumosas flores; os passarinhos com seus maviosos cantares; enfim, todos os attractivos que se pode aspirar neste viver camprête,—nada tem podido dissipar esta tristeza, que contaminou minh'alma!...

Aquella alegria de outr'ora, que dava animada vida a meu coração, é forte attento ao profundo amor que te censagrava... tudo me roubou esta cruel auzencia!

Ao separar-me de ti, por quem vivo a respirar—a radiante esperança, esse balsamo divino que nos mitiga as dores, este sol da vida, que illumina as mais gratas recordações de nosso ser, que torna e muitas vezes em realidade as nossas mais castas illuzões,—tenho a visto por vezes quasi a distinguir-se!... Ai! que se me fosse dado, ao menos—morrer com ella!... que si o empallescider de seu ultimo raio pouses termo aos meus soffrimentos!...

Que BENIGNA satisfação sentiria o meu coração!

Triste, sempre triste—eu penso em ti! E deste exilio, envio-te os mais puros sentimentos de minh'alma—AMOR E SAUDADE.

Indefinivel saudade.

Do meu profundo silencio
Deste meu soffrer immenso
Não me venhão despertar;
Oh! deixem-me por piedade
Nesta triste soledade
Na minha filha pensar.

Deixem-me ver ao menos
O seu rostinho sereno
No meu profundo scismar;
Quero affagal-a na mente,

Abraçal-a ternamente
E os seus labios beijar.

Quero ouvir docemente
A sua voz innocente,
Responder a meu chamado;
Quero chamal-a Francina,
Já que a minha triste sina
D'esse prazer está privada.

Nas horas do anoitecer,
Não me venhão interromper,
Deixem-me sempre s-zinha;
E' n'essas horas de dor pungente
Que ella sempre fielmente
Vem unir sua alma a minha.

Vejo-a então vizivelmente
Seu rosto de anjo innocente,
No meu profundo scismar,
Até ouço de seus labios
Tão puros e tão amados:
Mãe querida, me chamar.

Sinto o semblante delicado,
No meu rosto magoado
Com brandura me roçar;
E mil beijos estremecidos
Sinto-esses labios q' ridos
Amor e caricias me dar.

Sinto os dedos delicados
Vir com amor e cuidados
Meu triste pranto enxugar,
E pelo pai, pelos irmãos,
Que sempre a chamão em vão
Anciosa me perguntar.

Depois pede-me que não chore
Que tão triste não deplore,
Que ella sempre me hade amar;
Que lá dos céos com os anjos,
Com os seus q' ridos archanjos
Ma ha de breve vir buscar.

Que ella muito me adorava,
Mas sempre Deus a chamava
Para no céu ir morar;
Que anjos de sublimé candura
Neste mundo sem ventura
Não deve mais habitar.

Então intento calar-me,
Sinto as fibras estalar-me

E um grito solto de dor !
Porque só no triste scismar
E' que posso ver e abraçar
A filha do meu amor.

M. J. F. N.

Ensino pela contemplação

Este systema é um ramo de ensino elementar, que consiste em uma serie de exercicios, os quaes estam appropriados a formar e aperfeiçoar a faculdade intuitiva das creanças.

Quando a creança de 5, 6 ou 7 annos entra na escola, então ella não está ainda bem madura para o ensino verdadeiro, dever-se a fazer a em primeiro lugar apta para este fim. Sua attenção é mister acordar-se, porque da enérgia desta, da capacidade de fixar os pensamentos sobre um objecto e demoral-os n'elle, depende principalmente a utilidade do ensino. Este é o fim que os exercicios contemplativos proseguem. Elles começam com intuições externas: por meio destas occasionao outras internas; ellas querem abair os sentidos das creanças as impressões externas para que as cousas do mundo de fora, reflectam-se em retratos claros no espirito infantil e haão de tornar-se os fundamentos exactos para as ideias e juizos mais tardes. Verdadeiros reaes objectos apresentar-se haão aos sentidos dos pequenos, haão de contemplal-os e observal-os de todos os lados. Com estes haão de ligar-se exercicios na lingua materna, com os quaes a creança tambem apreendera a expressar as suas ideias por palavras. O que tem sido contemplado, sobre isso tambem dovera-se fallar.

O professor dirige a attenção das creanças elle devera servir-se do ensino por meio das interrogações, e os discipulos e as discipulas responderam de uma maneira determinada e exacta em orações singelas com accentuação clara e agradável.

Ver, ouvir e fallar convergem e concentram-se em um só ponto de partida.

Denotações, que as creanças ainda não conhecem, haão de ser-lhes ditas respectivamente explicadas, depois que ellas tiverem alcançado uma intuição immediata da cousa, dos seus lembretes e signaes certos. O principio fundamental deste ensino reconduz-nos a Baco de Verulam—desde 1561 até 1626, quem em frente do methodo dos escolasticos e dos philosophos

do XV e XVI século (verbis studare non rebus) a intuição sensitiva e cuja formação como a base do procedimento scientifico indicava. Este principio scientifico de Baco tem sido incitado e estimulado immediato por elle, empregado pela vez primeira sobre o ensino pelo sabio João annos comenius, desde 1592 até 1671. — (não se devera começar com descripção verbal, porem com intuição real) por causa disto elle escreveu o seu — Orbis sensualium pictus, hoc est omnium fundamentalium in mundo rerum et in vila actionum — muitas vezes edicto e imitado.

L. Morsch Pestalozzi

(Continua)

Variedade.

As filhas dos elementos

(Continuação)

Pouco depois entrou na sala uma galante rapariga morena, de uma notavel porporeado de formas olher firme e prescudador.

— Sede bem vindos gentis desconhecidos, disse a menina que vinha de entrar. Como a outra exclamou Raphael, Serao ninos?

— Calla a boca, tanto. Pois se são immolhados, fallao todos pelo mesmo diapasso.

E começaram a conversar sobre mil futilidades, tomando Raphael pequena parte na conversação.

— Não gosta da agua, senhor? pergintou ella, dirigindo-se desta vez a Raphael.

Quando ella é pura e cristalina como vos.

Puro engano! se soubesse como eu adoro o ver o mar revolto, eu fuzo como que buscado despedaçar quanto eu contra em torno do si.

— Não lhe parece mau gosto?

— Pelo contrario! É um espectáculo fascinador, que eu teria prazer em vel-o presenciado. Se soubesse como é sublimo o walsar sobre as ondas, ao rugir da tempestade, o ao sibilar ao trevaço.

E levantou-se, indo mexer em diversos objectos que estavão sobre uma mesa.

— Vão-nos daqui, Alberto.

— Poré tambem?

— Decerto e quanto antes.

E gentil esta desconhecida, mas eu sou pouco propenso a walsar, sobretudo sobre agua.

Estou ja velho para experiencias, e não me sinto em boas graças para atravessar o mar.

vermelho a pé enchuto.

E sahiram, lamentando Raphael que uma rapariga tão interessante, tivesse gostos tão disparatados.

—Estás contente comigo, perguntou Alberto.

—Sim e não, Sim, porque enfim, não ha naquella casa o horror da de hontem. Não porque vou encavacando com estas immortaes, se é que o são.

—Oh ! se são.

—E, como ai nda nos restão duas noites, aguardemos as duas visitas restantes. E' possível que alguma dellas me seduza, mas ja lhe vou perdendo as esperanças.

IV

Desnecessario é dizer que na terceira se repetia a scena da véspera e antevéspera.

Alberto primava pela pontualidade, o que ja era bastante para não faltar uma unica noite ao compromisso tomado. Mas a razão principal era outra.

Jurava aos seus deuses trazer Raphael ao real, e nada o faria desistir do seu nobre intento sobretudo agora que ja o via meio abalado e começando a descrever daquelles seres immortaes que aos seus olhos tinham tido tamanho encanto e tão grande seducção.

—Saibamos disso Raphael apenas vio entrar Dr. Alberto, me conduzes esta noite ?

—A' casa do Ar.

—Tu estás zombando comigo, por mais que me digam ! A casa do ar ? Pois isso pode la ser ?

—A' fé de gentil-homem que estou dizendo a verdade. Vamos a casa do Ar, embora o teu ar apalermado duvide do que eu digo,

—Ou me engano muito, outu fizeste proposito firme de me tornar idiota ! —Pelo contrario. Quero ser eu quem mate o teu idiotismo, e por isso me votei de corpo e alma ao teu bem estar.

Se te não vejo casado, não posso morrer em paz ; ja vês, portanto, que para o conseguir, sou capaz de dedicar-te todo o meu tempo, e de..., eu sei, de esquecer ate os meus doentes, para me entregar inteiro e completamente ao teu porvir. E basta de explicações que se faz tarde. A primeira condição do homem bem educado, é não fazer esperar hoje, foi avisada por mim, esperat'a anciosa, portanto, a cami-

nho e quanto antes.

—Prompto ! vamos ao sacrificio ? não quero que digas que sou rebelde aos teus mandados. Agora posso eu dizer-te como dizia o nos so chorado Lobato Pires :

—«Sou teu escravo, sobre mim dominas Eis os meus pulsos, lança-lhe a cadeia.»

Vinte minutos depois d'este rapido cavaco, entravam elles n'uma sala original de tecto en vidraçado. Ao longo das paredes pendia uma fazenda gommoza, e em vez de quadros, encontravam-se aqui e ali umas caixinhas elegantes, parecendo servir de deposito de qualquer cousa explosiva, tão altas estavam collocadas sobre umas elegantes peanhas.

(Continúa)

Chronica.

Caros leitores e leitoras.

No dia 30 de Agosto proximo passado, houve sessão solemne do Club, do qual esta Revista é órgão, em commemoração ao primeiro anniversario do movimento abolicionista n'esta cidade. Cuja sessão foi extraordinariamente concorrida, e brilhantemente commemorada. Deixo de dizer mais alguma cousa a respeito, por fazer parte d'este n.º uma bonita descripção de um nosso collega de redacção.

A commissão encarregada dos festejos do dia 28 do passado, anniversario da humanitaria lei—Rio Branco resolveo transferil-os para o mez de Novembro vindouro.

Recebemos o n.º 29 d'El-Echo—de España, cujo jornal se publica na capital do imperio. E' illustrado órgão da colonia hespanhola no Brazil. Agradecemos o n.º com que delicadamente nos honrou ; esperando que continue nos honrar com a permuta.

Enviamos-lhe a nossa Revista.

Recebemos uma circular da illustrada Revista—Corymbo, solicitando no-so auxilio para collaboração.

Agradecemos penhoradissimos o generoso convite.

Como estava annuciado foi levado a scena no dia 29 de Agosto p. p. o drama —Ri-os e Lagrimas, cujo desempenho foi satisfatorio. Aos nossos consocios e joven que tomarão parte nossos parabens.

Consta-nos fundar-se-a brevemente n'esta cidade um club de Senhoras, que se denominará Nova—Esparta; E' uma excellente idéa, almejamos sinceramente a sua realisação.

Nosso club tambem admite Senhoras: desejamos que tambem fação parte juntamente, d'estes torneios litterarios, aos quaes julgamos não pense-se nem de longe em escrupulo de qualidade algum.

Vai transcripta n'este n.º uma poesia=produção de uma distincta Sr.ª de nossa sociedade.

Surgio a luz n'esta cidade no dia 7 do passado, o novo orgão Aspirante, consagrado ao bello sexo. Tão bellamente apadrinhado é de augurar-se uma feliz messe de felicidades. O seu 1.º n.º traz bonitos artigos. Felicitamos ao novo collega, e desejamos-lhe vida longa e glorioza.

A póz longos soffrimentos falleceo n'esta cidade no dia 6 do passado, o Sr. Tenente Coronel José Lopes da Silva, a sua Exm.ª familia nossas condolências.

Regressou da Capital da Provincia no dia 24 do passado o Sr. Tenente Pedro Nolasco Pereira, digno presidente do club, Aurora da Serra, sendo alvo em sua chegada de estrepitosa manifestação, promovida pelo mesmo club.

Mais uma vez felicitamos ao digno consocio que tem sabido conquistar a benemerencia a que tem juz pelo muito que tem se esforçado pela mesma associação.

Foi n'essa mesma occasião saudado em sua residencia o Sr. Carlos Pereira de Noronha, saudação toda particular, porque confundio-se cidadãos de varias crenças politicas. Por isso comprimentamos aos distinctos conterraneos que apar de sua Exm.ª consorte foi afavelmente saudado pelo seu feliz regresso a esta cidade.

Por esta vez nada mais. Desculpemo chronicista.

J.-C.

Cruz Alta, 1.º de Outubro de 1885.

AVISO

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Evaristo A. de Castro.
Cruz-Alta—Rio G. do Sul.

Redactores :

Evaristo Teixeira Junior
João Pereira da Costa
Antônio Stenzel Filho

AURORA DA SERRA.

CHefe DA REDACÇÃO:

Guilherme J. da Costa.

Orgão da Sociedade Littéraria == Aurora da Serra ==

Redactores

Evaristo A. Castro
Henrique Ullacker
José Lucas Dias

COLLABORADORES :

Diversos.

CRUZ-ALTA, 1 DE NOVEMBRO DE 1885.

Aurora da Serra

Carreta.

Nobre empreendimento.

A Revista «Aurora da Serra,» sempre que se agita uma ideia grande e generosa, ella, em sua acanhada esphera, sempre com o maior enthusiasmo, a apoia e procura animar aquelles que tentão por-a em execução, certos que este povo, illustrado e generoso, não lhe negará seu decidido e tradicional apoio.

E não temõs sidos illudidos.

A prova do que deixamos dito, e o procedimento brilhante e digno que este povo manifestou por occasião do movimento abolicionista e hoje manifesta por uma ideia tambem generosa a grande, a instrucção popular.

O colhimento que teve a generosa ideia da construcção de um edificio, para o Club, Aurora da Serra, estabelecer aulas, biblioteca e suas sessões, é um fato que muito honra ao povo Cruz-Altense. O que hontem ainda era um sonho é hoje uma verdade. Pelas quantias já subscriptas; a construcção do edificio é uma realidade. Em breve dar-se-ha principio aos trabalhos.

A Cruz Alta vai possuir um monomto, que attestará ao estrangeiro, que penetrar nesta cidade, e as gerações vindouras, o patriotismo da geração presente.

Elle e o inicio de muitos outros committimentos, que estão reservados, num futuro próximo, a este grande povo.

Nós, nos congratulamos com todos que desejão o progresso intellectual e material desta terra.

Cruz Alta 1.º de Novembro de 1885.

E. A. de Castro.

Carreta é um vehiculo pezadissimo de madeira que serve de transporte especialmente na provincia do Rio Grande do Sul.

As suas dimensões são enormes; toda construida de madeira de lei, como seja, ipé, madeira extremamente pezada e forte; com sua cobertura de capim, ou de outra qualquer palha ou zinco, assemelha-se vista a certa distancia a uma pequena casa.

São necessarios oito bois em bom estado para transportarem-na para qualquer parte atento ao seu extraordinario pezo; e ao pezo que ainda leva dentro cento e vinte arrobas, pouco mais ou menos!

A sua construcção toda grosseira baseada no falso principio que o forte é preciso ser grosso e pezado; os seus movimentos são por demais lentos; a estrada é preciso ser boa, para poder fazer uma regular marcha de cinco leguas por dia, e ainda ajudada pelo tempo, pois que a chuva a interrompe atento ao estrago que pode causar no pescoço dos bois, pois o pezo que carregão é enorme, alem da grossissima canga que os júnge de dous a dous.

Qualquer barranco, ou buraco, ao mais insignificante descuido, pode interceptar sua passagem por um dia ou mais!

E no entretanto em pleno seculo 19, em uma provincia ja bastante prospera como o Rio Grande do Sul—é este seu principal vehiculo de conducção!!

De hoje a um seculo, se tanto, talvez occupe o lugar em algum museu, demonstrando a epoca d'um povo; por ahi se avaliará o estado rotineiro de seu progresso; a lenti dão com que foi aos poucos afastando-se dos velhos preconceitos, e do erroneo prejuizo de conser-

var o estatúquo, diante d'uma epoca ja por demais fertil em adeantamentos: este pezado carro ja ha muito devia estar substituido por outro muito mais leve, mais seguro, e veloz em seus movimentos como sejam os appellidados—allemães.

E' enorme a vantagem d'estes carros, e no entretanto o civilisado povo Rio Grandense, ainda não quer crer, taes são os costumes ruti-neiros arraigados a perto de quatro seculos!

Com o mesmo numero de bois estes carros comportão pezo dobrado, e com animaes cavallar, ou muar podem também comportar cento e vinte arrobas, vencendo a distancia a percorrer em menos da metade do tempo que as taes pezadas carretas precisão para fazer igual marcha. A questão cifra-se apparentemente, na differença do preço—pois custando uma carreta cento e vinte e oito mil réis, um d'estes carros custa o dobro.

Mas a vantagem por outro lado da segura marcha, e em menos da metade do tempo, o pezo superior que pode levar, assegurão um lucro muito maior, livrando ao mesmo tempo os aborrecimento que causão as taes carreta com sua preguiçosa marcha a pari-passo!

A litteratura sendo portanto a photographia real dos uzos e costumes da epoca de um povo, a traducção fiel de seu adiantamento em todos os multiplos ramos do desenvolvimento quer da vida moral, intellectual, e esta lo material; esta Revista, pois, na escala limitada de suas forças, quer na razão de seus recursos intellectuaes, analysando o estado do espirito sociologico da sua provincia, cooperar para que dispa-se dos velhos andrajos da rotina teimosa de seus antepassados, e prepare-se para ir recebendo as innovações que o tempo em sua poderosa evolução vem aperfeiçoando e firmando para maior felicidade e estabilidade dos povos que vão nós succedendo na progressão da vida; assim esperamos que os nossos patricios receberão esta nossa analyse, como uma prova de estima, e de patriotismo com que assiduamente trabalhamos para o desenvolvimento mais amplo de nossos avanços, quer sociaes, quer materiaes.

O tempo indubíavelmente é um dos mais poderosos factores do progresso, afinal aporta

em nossas plagas e inicia os primeiros passos na nova epoca que vai abrir-se felismente para o Rio Grande—é a epoca da locomotiva essa maravilhosa via de communicação, que unindo os povos mais e mais, assegura o trabalho em bases muito mais sol das mais garantidas e com muito menor sacrificio atento a força ingente do vapor que centuplica a força do homem sujeita a todas intemperies e estragos.

Assim as vias actualmente de transporte irão transformando-se em vias ferreas; assim como se transformarão muitas outras usanças velhas, como engenho de serrar

Ja nos vai muito longe a tal epoca do tradicional monjolo; e arado puxado a uma junta de bois—muito bem denominados antideluvianos!

E' ja tempo de ser substituido pelo arado americano, que qualquer animalzinho magro puxa e ainda mais sextuplicando o trabalho que pode fazer os taes arados que so arrancam a força do boi!

Muito breve, pois, parte da provincia—o que se diz baixo da serra estará toda cortada de vias ferreas—um ramal partindo da cidade do Rio Grande indo term nar em Cacequi outro, partindo pode-se dizer de Porto Alegre capital da provincia indo terminar na cidade de Uruguayana, nos assegurão que, em breve espaço de tempo serão as vias ferreas a sua principal via de communicação.

A parte portanto que se denomina Região Serrana só poderá gozar deste beneficio muito mais tarde; salvo se o governo inspirando-se em um são patriotismo, reconhecendo que suas finanças são pessimas, não fassa questão de principios, concedendo garantia de juros, ou privilegios, a companhias que fazem d'estes contractos—aliás conforme as bases bastante lucrativas para o governo, e para o povo que pode gozar deste beneficio com muita antecedencia—pois tendo de esperar a reorganisação de suas finanças, no estado precario em que estão por exemplo as nossas—terão de es, erar quem sabe, quantos annos.

O que é verdade é que em breve tempo teremos a locomotiva na cidade de Santa Maria a Cruz Alta e parte d'esta região, irá gozar também deste real beneficio: Poderemos ter generos de Porto Alegre aproximadamente em seis dias, quando presentemente eleva-se a um mez e mais, principalmente no inverno! Mas para isto é necessario que substitua-se as pezadas carretas por carros—convenção-se es

nossos patricios d'esta verdade; basta que um inicie que outros seguirão o exemplo, a vantagem immensa e incontestavel, nos assegura o triumpho da idéa pratica que acabamos de succinta, e pallidamente externar, como desenvolvimento das bases do trabalho tão atrasado entre nós.

Desculpem-nos portanto se este nosso juizo estiver abaixo de nossa intenção. Em conclusão diremos: Pensamos que não é só o material que lucra, é o immaterial também, é o espirito, que naturalmente participando do meio em que vive e se desenvolve, irá tomando mais elevação; a rotina irá cedendo lugar ao progresso, e o homem que inconsciente e automaticamente perde uma parte consideravel de tempo, tomando matte amargo, longas horas, em baixo das taes carretas a espera que o sol perca de intensidade para poder continuar a marcha; ou caso peor ainda espere que a chuva pare, quando leva dias e dias principalmente no inverno—a substituição pelos alludido carros os habillitará a não supportar um tão precario estado de cousas: convenção-se, pois, d'esta vantagem, e vão abandonando uma tão rotineira via de comunicação, quando ha outros de muito mais vantagem como sejam os carros de que acabamos de explicar no limite de nossas forças.

Os que estiverem no caso não se fassão esperar, e dem o exemplo—temos certeza que outros acompanharão e que realmente essa pezada via de transporte será em dias prosperos, uma tradição e nada mais!

Cruz Alta, 1 de Outubro de 1885.

J. C.

Chronica.

No dia 11 do mez proximo passado, realisouse a cerimonia do assentamento da pedra fundamental do edificio que o club pretende construir para suas sessões e aula de ensino popular, concorreo ao acto crescido numero de cidadãos, aulas mixta do sexo femenino derigida pelo Exm.^a Sr.^a D. Maria Leopoldina da Motta, do sexo masculino derigida pelo Sr. Francisco de Paula Timotheo, e particular pelo Sr.

João Adrião da Silveira Bello.

Recitaram discursos as jovens DD. Izolina de Freitas, Celiza Alves, Pacifica Leão, e Almerinda Fonseca, uma bonita poesia o—aboliçãoismo—produção do festejado poeta Rio Grandense Damasceno Vieira.

Recitarão também discursos os jovens Marcos Joaquim da Costa, Candido de Mattes, Domingos Fonseca, João Lizio Bessa, Hugo Tatch, felicitamos a todos pela brilhante cooperação que derão ao acto.

Pronunciou o discurso inaugural o 1.^o orador do club o Dr. Pereira da Costa, fallando também o 2.^o Diniz Dias Filho e Evaristo Affonso de Castro. Desnecessario é dizer o que os jornaes d'esta cidade Philomontano, Gazeta Serrana e Aspirante teem repetido entusiasticamente, que o commettimento é nobre, que o acto esteve realmente imponente, e que o povo hade mostrar-se como sempre generoso concorrendo cada um com o seu obulo para a realisação de tão proveitosa obra.

E pela maneira patriótica com que já se manifestou a cidade concorrendo com um conto e tanto e no 4.^o districto 400\$000 mil reis é de esperar-se que um feliz resultado coroará este inspirado tentamen.

A Sessão de 28 de Setembro anniversario da aurea lei Rio Branco esteve imponente.

Recebemos um boletim da Sociedade de Imigração do Rio de Janeiro, agradecemos.

Falleceo em Santo Angelo o Dr. Venancio Ayres, a sua illustre familia, e amigos do fim dos nossos pezames.

1.^o de Novembro de 1885.

J. C.

Poesias

Adeus.

Adeus. adeus. Agora
Me chama a obrigação;
Que fique o coração,
Eu vou-me, eu vou-me embora.

Adeus Sou a hora

Da minha solidão,
Sumiu-se n'ampidão
A luz da minha aurora.

E' tempo, eu vou-me. Adeus.
O' luz dos dias meus,
O' minha casta flor!

Mas, lá, mesmo, distante,
Serei sempre constante
Em nosso eterno amor.

Stenzel.

Correspondencia

Paris 24 de Agosto de 85.

O antigo advogado Grevy, actual Presidente da Republica Franceza, não parece lembrar-se do tempo, em que implorava ao jury o perdão dos seus clientes. O diabo do velhote anda mais furioso que o proprio Orlando de furiosa memoria.

Quem sabe si não se deve attribuir a alguma paixão contrariada a dupla execução «capital», com que o cruel octogenario acaba de apresentar a «capital do mundo civilizado!» Tem-se visto cousas mais ou menos engraçadas.

Encasquetou-se nos bolorentos miolos d'esta nova Parca, mais correcta e augmentada, a grotesca idéa de supprimir os assassinatos, mandando a gloria os seus autores.

E quanto mais trabalha a guilhotina, mais crimes perpetram-se em Paris—tal é a efficacia do exemplo que os partidarios do sangue apresentam como irrefutavel argumento em favor da pena de morte.

E' exactamente como si alguém sustentasse que a escravidão não deve ser abolida, porque existem mandriões, rebeldes ao trabalho sem vergalho de boi.

Os assassinos Gaspard e Marchandon foram as duas ultimas victimas do magistrado, que se mostra soberanamente inexoravel, quando se trata de vingar os burguezes. «La caque sent toujours le hareng.»

Ah! si fosse algum maltrapilho de jornalista—como os inglezes acabam de demolir um—então, «chovette!» todas as graças do Chefe

do Estado, disfarçado em loura Virgem Maria, seriam outorgadas aos facinoras.

E não me accussem de exageração, pois o governo francez declarou, com o mais colossal descaço, «estar resolvido a desinteressar-se da «polemica sublevada a proposito da morte de «Olivier Pain.»

Depois de derramarem tanto sangue, (dos outros) os dous pacientes, cujos espiritos supremos foram saudados pelos «dominus tecum» das prostitutas e fadistas parisienses, fizeram derramar muita tinta aos jornaes, e tiveram a insigne honra de preoccupar o espirito de varios facultativos, pomposamente intitulados principes da sciencia.

Não bastava á esse miseraveis [ver-se subita e desagradavelmente privados da cabeça, causa de tantas asneiras n'este mundo aparralhado. Faltava-lhes, por contrapeso, ter o craneo esburacado, a materia cerebral espetada, todo o corpo revistado e electrificado, exclusivamente á bem, da curiosidade medica, visto que até hoje os chouriços mais repletos de sangue azul scientifico ainda não conseguiram entender-se á proposito dos phenomenos manifestados depois da degolação—Até foi um dos festeiros o pelotiqueiro Debarolles, á quem coube a insigne honra de observar, na mão direita de Marchandon, duas linhas formando um V—o que significa, sem a menor sombra de duvida—«Voleur»—Ladrão.

Ora, sem dar tratos á bola, o mais obtuso bacalhoeiro teria descoberto a famosa letra, depois de saber que o tratante passara a vida a roubar.

«Sic transit gloria scientia.»

D'apena que, em epocha tão propicia, a sua ve Dona Magistratura, e a sua deliciosa prima Dona Policia não tivessem obtido do jury de Melun a cabeça do relojoeiro Pel, que, embora de pequena dimensão, teria pelo menos tãpado o buraco de um dente.

Entretanto as duas meninas andavam com terrivel gana. Exigiam, per fas ou per nefas, a condemnação do homem. A pesar de não existir contra o reo a mais microscopica prova material de culpabilidade, espiões, juizes, e algumas bruxas do campo,—que bem fariam em ahí ficar pastando—juravam—«pelas cinzas das mães»—que o pobre diabo tinha envenenado, e incinerado carradas de mulheres.

E os conspicuos jurados, esses excellentes fabricantes de bolachas, queijos, linguicas e ou-

tras cousinhas inteligentes, receando desagradar aos mimosos archanjos, representantes da justiça que tantas injustiças commette, empurraram alegremente para as galés perpetuas o supposto incinerador, afim de ser incinerado aos ardentes raios do sol da Nova Caledonia.

* *

Para terminar com o mesmo — «deprofundis» — este artigo, que pôde ser denominado «artigo da morte», devo acrescentar que acabam de ser presos em Villemomble, arrebalde de Paris, um devoto e tres devotas, inculpados de haverem assassinado e enterrado uma mulher.

Juizes e alguazis batem palmas de contentamento — e já se falla de novas incinerações.

E' actualmente a moda parisiense. Não se come, não se bebe, não se mata, não se forja o menor objecto, ou o mais diminuto «bébé», sem incinerar.

Paris, 18 de Agosto de 1885.

Um jornalista assassinado pela immunda Inglaterra.

Carta endereçada a Henri Rochsot

Paris, 14 de Agosto de 1885.

Sr.

O «Foreing Office» declarou recentemente, em carta official, não ter conhecimento do destino do Sr. Olivier Paim.

E' mais uma mentira para conta do governo britannico, como a morte do seu compatriota é mais uma nodoa para a honra da Inglaterra.

Afirmo que o sr. Olivier Paim foi assassinado por ordem do estado-maior do exercito inglez do Egypto.

Afirmo que o ministerio Gladstone autorizou o crime, cujas circumstancias conheceu, antes e depois da sua execução.

E vou proval-o, determinando os nomes, as datas, os logares. Serme-ha facil, pois fui tes temunha deste acontecimento, que os inglezes, esforçam-se em tornar obscuro.

Em minha qualidade de interprete-traductor addido ao estado-maior inglez no Soudan, exercia a dupla funcção de interrogar prisioneiros ou viajantes que vinhão de Kartoum, e de transmittir aos emissarios arabes, assalariados pelos inglezes, as instrucções que o chefe de es-

tado-maior, Sir Owed Lanyon recèbia do General Evelin-Wood, á quem ellas eram directamente enviadas pelo commandante Chefe, lord Wolseley of Cairo.

Passemos aos factos :

Em 15 de Abril, dous espiões vinhão dizer no acampamento de Debbeh, onde eu me achava então, que tinham encontrado a seis milhas um Franghi (europeu) que, embora vestido como indigena, exprimia-se difficilmente em arabe.

Logo que estes espiões deram os signaes do viajante, e fizeram conhecer as suas maneiras mysteriosas, o major Kitchner, á quem eu trazia a narração dos dous Soudanios, exclamou: «The is the famaes Pain» e desapareceu como um relâmpago para ir triumphalmente dar a noticia ao general Wood, victima, n'esse dia, d'um violento ataque de rheumatismo.

Eis immediatamente os officiaes de ordenança em movimento e o telegrapho á trabalhar entre Debbeh, o Cairo e Londres. Doze Bachi-Bouzouks são lançados á cavallo em todas as direcções, afim de perseguir o «Cloddy-Frenchman», para servir-me da expressão cortez, habitual ao major Kitchener, quando fallava de Olivier Pain.

Este Kitchner, sinistro patife, alimentado de psalmos e embebido de whisky, foi o primeiro que teve a idéa de pôr á preço a cabeça d'aquelle, que elle chamava — «o espião francez».

Elevado, de um unico salto, do posto de simples tenente ao de major, pelos serviços excepcionaes que prestara como espião militar, Kitchner empenhava-se em justificar este adiantamento rapido, e obter um segundo, graças á uma acção brilhante, tal como a captura de um viajante isolado e sem defesa, acuado por um corpo inteiro do exercito inglez.

No dia seguinte, 16 de Abril, Kitchner mandou chamar o cheik Khalil, que os inglezes pagavam para praticar qualquer acto, e ordenou-lhe que fizesse divulgar o seguinte aviso, redigido em arabe vulgar :

— « Quem trouxer o Francez, Vivo ou Morto, receberá 50 libras inglezas ».

A's duas horas da tarde do mesmo dia, isto é 16, foi expedido um telegramma de Debbeh á Londres. O portador do telegramme chamado Fini, ordena de sir Owen Lanyon, encontrando-me perto da administração telegraphica, chegou-se á mim, rindo, e disse-me com seu horrendo sotaque irlandez ;

— Quer ganhar cincoenta libras esterlinas ?

E mostrou-me o telegramma, escripto á pressa, cujos caracteres pareciam verdadeiros bicroglycos. Havia tanta pressa, e tomava-se tão poucas precauções, que o telegramma, confiado ao ordenança, nem tinha sido posto em envelope.

Foi assim que poudes ler com estupefacção a copia da recompensa offerecida pela cabeça de Olivier Pain, que o estado maior de Debbeh enviava officialmente á Londres.

«A 17 de Abril,» chegou ao acampamento um telegramma d'Abou Dom, e estação visinha de Corti. A chegada d'este telegramma produziu muito alvoroço no quartel general. Mas logo depois uma ordem do General foi enviada ao capitão Colborne, commandante da praça em Debbeh, ordenando-lhe não communicar o mysterioso telegramma. — «Not to be circulated» — dizia a ordem transmittida pelo coronel Sir Owen Lanyon.

Tratava-se de medidas concernentes á Olivier Pain. Officiaes e soldados diziam-nos em voz baixa.

Fui ter immediatamente com o cheik Kalil, para obter esclarecimentos. Antes de deixar-me formular uma só questão, pedio-me elle, com lagrimas e gemidos, que lhe ridigisse um requerimento em inglez.

Explicou-me que desejava protestar contra a injustiça commetida contra elle, pois, preteadiam obrigar-o á repartir as cincoenta libras — «*ganhadas honradamente por elle só*» — com os vagabundos Bachi-Bouroucks, que nada tinham que ver neste negocio.

— Vejamos — disse-lhe — de que se trata —

— Não sabes que capturei, hontem, o *Francis* que queria matar Wolseley, o grão-pachá, que possui tanto dinheiro !

— Em Abou-Dom.

— O bey Kitchner já viu o Francez prisioneiro ?

— Sim ; hontem.

— E que vae fazer-se d'elle ?

— Tu bem sabes que será executado a machadada.

Neste momento, um negro chamado Iousouf, criado de Kitchner, veio, da parte do seu amo, chamar o objecto derviche, e a conversação ficou interrompida. Mas eu já sabia bastante, e nada mais tinha que saber.

Em 18 de Abril, Olivier Pain foi fuzilado no deserto, perto d'Abou-Dom, por dous Bachi-Bouzouks, em presença do major Kitchner, encarregado deste acto horroroso.

No acampamento do Debbeck, ninguém ignorava estes pormenores.

E' preciso accrescentar que celebrou-se este homicidio em uma festa, e que os Bachi-Bouzouks offereceram uma *fantasia* ao estado-maior inglez, para agradecerem o de haver tão generosamente pagado o preço do sangue.

G Selikovitch, ex-interprete do exercito inglez no Soudan.

PS.—O general Wood e o major Kitchner estão actualmente na Inglaterra, mas ignoro em que cidade.

O capitão Colborne se acha no Cairo.

O coronel Owen Lanyon, promovido brigadeiro geral, está em Portsmouth.

A' esta accusação categorita, o vergonhoso gabinete inglez ainda nada responde. E o governo francez, apesar dos clamores da imprensa, mostrou-se até hoje de uma pusillanidade excepcional, deixando assassinar impunemente um subdito francez.

Os amigos da victima, porem, resolveram vingal-a; e, brevemente, o embaixador da torpe Albion, cuja porta bem fechada, se acha vigiada pela policia, comprehendera que nem todos os francezes são cobardes.

Quanto aos collegas estrangeiros do infeliz Olivier Pain, certo estou que todos, á imitação dos francezes, hão de protestar vehementemente contra o crime perpetrado pela ignominiosa Inglaterra.

Ensino pela contemplação

(Continuação)

Tambem as escholares reaes de Londres, Paris, Berlim, Halle e Libric exercitavam e praticavam da intuição e do ensino contemplativo. Mais longe porem ião João Jacques Rousseau-Basedow e sobre tudo o decano da pedagogia pestaloggi, que deu aos exercicios de pensar dos philantropistas a intuição por base, e o contemplado como teor.

Assim desenvolveu-se particularmente o ensino intuitivo como antecurso (serie de lições consecutivas) propedeutico para a eschola em geral.

Este ramo de ensino tem sua historia propria e uma litteratura volumosa (Pestalozzi—livro das mães de familias, ou Türk, Grossmann, Harnich, Dänzel, Graser, Diesterweg,

Curtman e muitos outros.) O insiao contemplativo por meio da intuição tem progredido e aberto caminho em quasi todas as nações cultas e o desenvolvimento intellectual na velha Europa toda, sobretudo a America do Norte, deve-lhe tudo.

E' tempo de quebrar com os *syshemas* antigos, com que as miseras crianças ficam flagelladas nas escolas e pouco ou nada aprendem. Ativar e acordar o espirito infantil é a missão principal dos paes e dos mestres resp, dos professores e professoras publicos ou particulares.

A batalha sanguinolenta nas circumvisinhas pyramides do Egypto no memoravel dia 21 de Julho de 1789 jamais teria sido favoravel ao exercito francez, se Napoleão Bonaparte não soubesse ativar o animo dos seus soldados valentes por meio das palavras immorredouras:

Soldados lembrai-vos que do alto destas pyramides, quarenta seculos vos contemplão!

Estas palavras fizeram a armada franceza invencivel e electrizou-a até ao paroxismo do enthusiasmo.

Assim deverá ser o professor e a professora para com as crianças que entram na escola pela primeira vez: tratar os innocentes com amor e affabilidade e as benções não se farão esperar.

Ao ensino intuitivo pertence o futuro e aquellas sras. professoras ou srs. professores que adoptaram este systema, verão com o melhor exito, os seus esforços na arte e mysterio da pedagogia.

Este ensino abre os olhos das crianças para ver e contemplar, o ouvido para ouvir, o pensamento para pensar, a bocca para fallar e o coração, a mola real do organismo humano, para sentir. O nobre suiso Pestalozzi não o diz de balde ha quasi um seculo:

Antes que se polera impurrar a força para distancias longinquoas, deverá ella ser fortificada por exercicios pertos e adequados.

O descuido dos elementos intuitivos conduz a um andar as apalpadelas sem fundamento, a formulas vans da comprehensão, que acham-se destituidas de um fundo vivificador—Tambem os methodos do ensino elementar tem os seus cursos circulares, suas phases periodicas do desenvolvimento, porque a maneira de insinar desenvolve-se nas escolas de methodicos afamados de uma idéa afora segundo determinadas leis de pensar.

Estas desengenhilhacões voltam não raras

vezes aos seus principios; porém, quando se utiliza sabiamente em taes voltas as experiencias feitas, deixan-lo trilhos ficticios, que havião sido pisados anteriormente a um lado, renove-se o antigo outra vez a nova vida.

Passo Fundo, 24 de Agosto de 1885.

Luiz Morch.

Expediente do «Club Aurora da Serra»

Acta da 38. sessão do Club «Aurora da Serra»

Aos 30 dias do mez de Agosto de 1885, na sala das sessões do Club Litterario «Aurora da Serra», presentes grande numero de cidadãos e Exm^{as} familias e a directoria do Club e depois que a banda de musica «Enterpe Musical» fez ouvir algumas escolhidas peças, foi pelo Sr. Presidente aberta a sessão que foi presidida pelo 1.^o secretario por se acharem impedidos o Sr. Presidente e Vice-Presidente, pronunciando um eloquente discurso o Sr. Preidente, sobre o glorioso anniversario da extincção do elemento servil nesta cidade, declarou aberta a sessão pronunciando os vivas do estylo. Penetrarão no recinto uma commissão de trez membros representando a sociedade «Academia dos Timidos» a qual foi recebida delicadamente pela directoria do Club. Tomou a palavra pela ordem o orador do Club Capm. Diniz Dias Filho que em eloquentes phrases onde transparecia o mais ingente patriotismo, fez o historico da escravidão e do glorioso acontecimento que o Club commemorava—a extincção do elemento servil nesta cidade.

Pedio a palavra pela ordem o relator da commissão da Academia, e, lhe sendo concedido, manifestou brilhantemente os sentimentos patrióticos daquella associação, congratulando-se com o Club pelo glorioso anniversario em cujo brilhante exito, lhe coube a iniciativa. Pedio a palavra pela ordem o cidadão Honorio de Mattos, e sendo-lhe concedida pronunciou um entusiastico discurso recitando tambem uma bonita poesia abolicionista.

Pedio em seguida o palavra o cidadão Evaristo de Castro pronunciando um discurso, fazendo em longos traços o historico da ideia abolicionista até o momento actual. Pedio a palavra e lhe foi concedida pela or-

dem o cidadão Guilherme Verissimo congratulando com o Club e com o povo Cruzaltense pelo anniversario que o Club comemorava. Pedio a palavra, que lhe foi concedida o cidadão Abelardo de Campos pronunciando um patriotico discurso sobre o acto. Pedio a palavra em seguida um dos membros representantes da Academia dos Timidos—o cidadão Dezouart que pronunciou um lindo discurso sobre tão faustoso anniversario. Em seguida pediu a palavra pela ordem, e lhe foi concedida o cidadão Luiz Peixoto que pronunciou um discurso entusiastico onde transparecia o mais nobre patriotismo sobre a data memoravel para o povo cruz-altense—30 de Agosto—anniversario da extinção do elemento servil nesta cidade. Pediu a palavra o cidadão Castro recitando uma linda poesia abolicionista do festejado vate rio-grandense Damasceno Vieira. Pediu a palavra o cidadão Guilherme Verissimo que saudou brilhantemente a Academia dos Timidos.

Pediu a palavra o sr. orador do Club que em um eloquente improviso, saudou a Academia dos Timidos representada na commissão que se achava presente. Pelo socio Castro, foi brillantemente saudada a banda de musica «Enterpe Musical» representada na pessoa de seu digno mestre o maestro João Fabricio. Não havendo mais quem pedisse a palavra o sr. Presidente encerrou a sessão pronunciando um inspirado discurso sobre a mulher, saudando-a como representante da liberdade levantando os vivas de honra, e para constar se lavrou a presente acta que depois de approvada será por mim assignada com o sr. Presidente.

O Secretario interino Evaristo Affonso de Castro.

Pedro Nolasco Pereira—Presidente.

João Pereira da Costa—1.º Secretario.

João Chrisostomo de Azevedo. Thesourairo

Guilherme Verissimo—2.º Secretario.

Castro Dr. Costa, João Costa, Lima, Lourenço Gomes, José Gabriel Filho, Lauro Pillar, Alfredo Silveira, Sezefredo, Guilherme Costa, Alexandre Campos, Netto de Mattos, Peixoto, Dezouart; Martins, João Verissimo, Oliverio Fonseca, Abelardo, José Verissimo, Lucio Dias, Bessa Filho, José Dias, Azevedo, Guilherme Verissimo, Ulysses da Roza, Claverie e João Paulino, e grande numero de Exm.ªs familias e cidadãos, foi pelo sr. Presidente aberta a sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior.

Procedeu-se em seguida a eleição para a quarta directoria do Club no anno social de 1886, que deu o seguinte resultado: 14 votos Presidente Pedro Nolasco Pereira, reeleito; 7 votos Vice-presidente Lourenço Gomes de Moraes Gomes; 7 votos 1.º secretario Manoel Netto de Mattos; 3 votos 2.º secretario João Adriano Bessa da Silveira Bello; 12 votos 1.º orador Evaristo Affonso de Castro; 6 votos 2.º orador João Pereira da Costa; 4 votos thesoureiro Alfredo de Moraes Silveira; 2 votos procurador Lucio Annes Dias.

Directores dos saraus litterarios: João Pereira da Costa, Alfredo Silveira, Dezouart, Guilherme Verissimo, Alexandre de Campos e Abelardo de Campos.

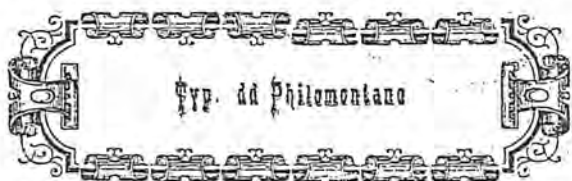
Pelo socio Evaristo Affonso de Castro foi apresentada a seguinte indicação que foi approvada unanimemente por todo o Club e mais cidadãos presentes.

Indicação.—Os socios abaixo assignados convictos que a instrucção é o sol do espirito, base solida em que se firma a grandeza de um povo, vem propôr ao Benemerito Club Litterario «Aurora da Serra», que, na sessão de hoje, data memoravel na historia patria, se ja escolhido o local e planta apresentada pela respectiva commissão, para a construcção do predio para aulas e sessões deste Club conforme ja foi deliberado por este Club.

(Continua).

Acta da 39.ª sessão do Club «Aurora da Serra.»

Aos 28 dias do mez de Setembro de 1885—na sala das sessões do Club Litterario «Aurora da Serra», presentes os socios Nolasco



Redactores :

Evaristo Teixeira Jun.
João Pereira da Costa
Antônio Stenzel Filho

AURORA DA SERRA.

Redactores

Evaristo A. Castro
Henrique Uffacker
José Lucas Dias

CHEFE DA REDACÇÃO:

Órgão da Sociedade Litteraria == Aurora da Serra ==

COLLABORADORES:

Guilherme J. da Costa.

Diversos.

CRUZ-ALTA, 1 DE DEZEMBRO DE 1885

Aurora da Serra

Com o presente numero completa seu segundo anno de existencia esta modesta e desprezenciosa publicação. O bom acolhimento que lhe tem sido dispensado pelo illustrado povo serrano, nos anima a continuarmos sua publicação.

Tomará o formato oitavo francez e terá 16 paginas, publicando-se no dia 1º de cada mez, como até aqui.

A redacção fica a cargo do abaixo assignado, e dos Srs. Guilherme Joaquim da Costa e João Pereira da Costa.

Esforçar-nos-hemos por bem desempenhar este encargo; se por um lado nos falta a intelligencia, por outro nos sobra a boa vontade que temos de collocar esta publicação na altura a que tem jus.

Agradecemos a todos que nos dispensarão sua protecção, e contamos que continuem a proteger esta modesta Revista

Cruz Alta, 1º de Dezembro de 1886.

Evaristo A. de Castro

Actualidade.

Para o Brazil pensante, o momento que se apresenta é de reflexões serias: o espectáculo tristissimo de suas finanças atrasadas, em estado mesmo precario; por outro lado, a escravidão desesperada a pedir a sua liberdade—o collora em real embarço. Os partidos se chocam, os governos não achão forças que os amparem, e se succedem rapidamente.

E n'essa luta sem treguas, as idéas de progresso se apoderão de todos os craneos como

que tocadas por um poder occulto; é o poder do tempo que tudo transforma, modifica e aperfeiçoa.

Os tempos de hontem, não são os de hoje. Hontem eramos pupillos, hoje somos filhos embora não de todo emancipados. O poder do atrazo ainda nos abate fortemente, porem a força ingente da liberdade nos faz avançar embora desordenadamente; sim, porque a nossa liberdade não tem por base uma educação solida, a força de suas inspirações terá forçadamente de gastar os primeiros impetos de sua natural actividade. Mas com o tempo vem a experiencia, e uma cousa supprime a outra.

A liberdade, então, entrará na orbita de seus limites; o brasileiro já começa a comprehender a gravidade de sua missão; a ordem firmará finalmente seus passos agitados; um novo ideal se apossará de todo seu ser; a onda do progresso que orgulhosa e gigante vem dos grandes acontecimentos sociaes, atira-lhe luz, e aclara-lhe o caminho a seguir, é a França que diz do alto do capitolio de suas grandes e resplendentes glorias—avança pelas idéas que nobilitão! E' a Inglaterra que poderosa da civilisação actual repete—marcha pela força mascula de teus pulsos, que és forte demais para te abater; e a seu turno a sabia Alemanha repete em coro, trabalha que vencerás!

E estamos convencidos, que pelo trabalho constante e persistente havemos vencer, porque o trabalho é o elemento mais poderoso da vida quer moral, quer material de um povo que pretender alistar-se no mappa das nações adiantadas.

O trabalho, será pois, estamos mais que crentes a garantia de seu futuro, como é inquestionavelmente o que vai garantindo o seu presente, e o dia que comprehender definitivamente isto a lavoura hade se tornar florescente, para isto não nos faltão terras uberrimas; as industrias hão de se tornar pujantes, para isto não nos faltão materias primas; as scien-

cias não de tomar mais vastos horisontes para o que não nos faltão talentos e aptidões :

Uma couza nos falta, infelizmente, simples na forma, grande no fundo—a força de vontade, a persistencia tenaz, argamassa de sacrificios inauditos com que se solidificão os maiores e mais alevantados emprehendimentos sociaes.

A variabilidade é portanto a divisa ingloria de nossa persistencia, a mais simples cauza a faz estremecer, a mais simples cousa a faz mudar de opinião!

E' pois d'esta maneira erronea de apreciação que vem o nosso atrazo e esmorecimento.

Ahi está o elemento servil para attestar cabalmente—o parlamento nada decide, a nação parece que marcha ao acaso da sorte.

E realmente lastimoso este estado.

E a tudo isto os que mais soffrem, não são os que nada decidem, é o povo, é a sociedade que não pode ser paralyzada em sua marcha sem acarretar-lhe os mais graves prejuizos, em seu mecanismo: a lavoura deflue dia por dia, as industrias e tudo mais, vai por esse despeñadeiro abaixo, avalanche horrorosa de caprichos de nossos pro-homens de estado que desgracadamente só tem em vista uma couza tetricamente singular, a sustentação de seus partidos! Terrivel realidade... prognostico fatal.

J. C.

1º de Dezembro de 1885.

O club Amor ao Estudo

A crença de que o progresso de todos os povos repousa na instrucção, ha muito que se arraigou no espirito de todos que estudam e observam a marcha das sociedades.

Assim é que no momento actual nota-se por toda a parte uma grande agitação intellectual, agitação que se observa com alegria, porque é ella o prenuncio certo de que melhores dias terá a geração que nos ha de succeder.

A convicção de que neste momento pesa sobre os honrabres da geração presente uma grande responsabilidade, responsabilidade que se resume em trabalhar com toda a abnegação, afin de preparar um futuro melhor á geração que hade vir, está na consciencia de todos, como se vê pelo trabalho intellectual que se tem notado nestes ultimos tempos.

Ainda agora mesmo temos uma prova que

vem corroborar perfeitamente a affirmativa feita acima.

Um punhado de moços, cheios de esperanças, e dominados pelo elevado intuito de trabalhar pela patria, da maneira que mais fecundos resultados produz, atiraram-se a vida agitada das lettras, fundando um club que tem por titulo—Amor ao estudo.

Provar aqui as vantagens que a mocidade tende a colher da criação de nucleos litterarios, é trabalho desnecessario, porque está ao alcance de todos.

Escrevendo estas linhas só temos para os jovens que, desprezando os prazeres e gozos proprios a sua idade, conagram-se á vida do estudo, convencidos de que só assim conseguirão trabalhar proveitosamente para a patria que nelles deposita as suas mais fagueiras esperanças, os nossos sinceros applausos.

A' mocidade, no presente, compete trabalhar para que no dia de amanhã, quando o seu concurso for reclamado, ella possa de maneira digna corresponder ás esperanças que lhe forem depositadas.

Foi esta crença, sem duvida, que deu origem á criação do club «Amor ao Estudo», que estamos certos atravessará uma longa vida, porque para isso não lhe faltam elementos; porque, como já foi dito por um distincto escriptor, a mocidade concentra em si tudo quanto ha de grande, porque a mocidade é a esperança, o enthusiasmo, em uma palavra, a vida.

E quem tem esperança e enthusiasmo, tem tambem coragem para lutar contra os obstaculos que por ventura tentem entorpecer a marcha das idéas que com fervor advogam.

E acreditando, como acreditamos, que os jovens que compõem o club «Amor ao Estudo», são moços cheios de enthusiasmo e de esperança, alimentamos a convicção de que não esmorecerão na luta que, em um momento feliz, encetaram, em prol do adiantamento da geração que por assim dizer ainda se acha no berço.

São estas as nossas esperanças, e procurando interpretar os sentimentos do club «Aurora da Serra», diremos: avante mocidade! Não desanimaes porque a estrada que tendes a percorrer é longa e cheia de espinhos, porem em seu termo encontrareis escripta esta palavra, que impelle-nos a todos os commettimentos arrojados:—gloria.

Proseguí, pois, que o futuro bemdirá os vossos nomes.

J. L.

Passamento

Falleceu no mez passado na villa do Passo Fundo, a Exm^a. Sr^a. D. Anna Morsch, estreme-cida esposa de nosso bom amigo Dr. Luiz Morsch. Seu passamento enlucou uma numerosa e distincta familia, foi geralmente sentido. A Exm^a. Sr^a. era um dos bellos ornamentos da sociedade Passo Fundense.

A seu desolado esposo e mais familia, envia mos nestas linhas. nossos sentidos pezames, acompanhando-os na sua justa dor.

Cruz-Alta 1^o de Dezembro de 1885.

Evaristo Affonso de Castro.

Sonhando.

Nos meus sonhos de moço, a mocidade
Ferve-me n'alma, me atormenta o peito,
Sinto bater-me o coração desfeito,
Vejo a gloria, o porvir, a felicidade.

E nos meus sonhos d'alta noite, quando
Procuro ver-te, ó anjo immaculado,
E vejo-te a dormir, sós, ao meu lado,
Chorosa a face e o peito palpitando,

Quando me lembro que heide sempre amar-te,
Ver-te n'um prisma de doiradas cores.
Andar sempre contigo, e as proprias flores
Da minha mocidade aos pés rojar-te,

Então amo esse amor, tenho-o amizade,
Queio ser sempre moço, aqui n'est'alma
Ha um vesuvio de amor que não se acalma
Porque o fogo do amor—é a mocidade.

Stenzel.

Expediente do Club «Aurora da Serra».

Acta da 39^a sessão do club Aurora da Serra.

(Conclusão)

Propõe mais: 1.^o Que seja designado o dia 11 de Outubro futuro para ter lugar o assentamento da pedra fundamental do edificio, sendo para este acto convidadas todas as

autoridades civis e militares, professores publicos e o povo em geral.

2.^o Que seja eleita uma comissão executiva que se empossará de plenos poderes para levar a effeito a construcção da obra, dando principio a seus trabalhos no que seja assentada a pedra angular, com as redas que se poder dispôr; sendo a mão de obra contractada e materiaes fornecidos pela comissão. Para esta comissão propõe os cidadãos João Chrisostomo de Azevedo, Sezefredo de Moraes Silveira, Dr. Joaquim Pereira da Costa e Evaristo Affonso de Castro.

3.^o Propõe mais para que sejam já eleitas comissões nos quatro districtos do Municipio para obterem donativos afim de auxiliar a construcção do edificio, e que estas comissões devem dar principio a seus trabalhos logo que seja assentada a pedra fundamental, remettendo o resultado á executiva. Para estas comissões propõe os seguintes cidadãos: 1.^o districto (cidade) Coronel Verissimo Lucas Annes, Loureço Lemes de Moraes Games, Oliverio Verissimo da Fonseca, Engenio Verissimo da Fonseca, Luiz Filho e Dr. Pereira da Costa. Cadeado.—Tenente Coronel Camillo José Fagnundes, Severo Teixeira de Carvalho, João Raimundo da Silva Junior e Angelo Rodrigues da Fonseca. Espinilho.—Orozinho Domingues Corrêa e João Antonio de Castro. Tupacretam.—Luiz Genzaga de Azevedo o Hildebrando Nogueira. Buracos.—Guilherme Adolpho Pitban e Manoel Telles de Souza. Segundo Districto. Dr. Salvador Martins França Junior, Agostinho Pereira de Almeida, Theodoro Rodrigues Pedrozo e Henrique Joaquim Wence. Terceiro Districto.—Francelino Pires Guerreiro, Policarpo Vidsl, Julio Theodorico da Rosa, Lauro Pereira do Pilar, Ricardo Vidal, Simão de Souza Netto, Cesario Portes Pimentel, José Annes da Silva e Serafim Fagundes da Fonseca. Terceiro Districto — Rincão de N. S. —João David de Moura Ramos, Tenente Coronel Ildelfonso Antonio de Godoy, Candido José Luiz Fernandes de Carvalho e Alberto Pereira de Noronha. Quarto Districto.—Sezefredo de Moraes Silveira, João de Oliveira Mello, Belizario Moreira do Amaral, Luiz Volino e Ivinêu Ribeiro do do Amaral. 5.^o Propõe mais o seguinte: Se por qualquer eventualidade o Club «Aurora da Serra» desapparecer, o edificio ficará pertencendo ao

município para n'elle fauccionarem as aulas publicas, porem se esta sociedade ou outra reviver, ou se constituir com o mesmo fim litterario lhe deverá ser entregue immediatamente. São irrevogaveis estas disposições.

Sala das sessões do Benemerito Club Litterario «Aurora da Serra», 28 de Setembro de 1885. Os socios—Evaristo Affonso de Castro, João Pereira da Costa, João Theophilo Claverie e Alexandre Leopoldino de Campos.

Esta indicação foi posta em discussão e não havendo quem pedisse a palavra, foi votada unanimemente pelo Club entre expansões de grande enthusiasmo.

O Sr. Presidente concedeu a palavra pela ordem ao 1.º orador. Este depois de fazer um historico sobre a lei Rio Branco, á memoria de quem era consagrada a sessão, fallou brilhantemente sobre a these que se tinha proposto desenvolver: Educação Civica.

Ao terminar fei calorosamente applaudido e cumprimentado por grande numero de socios. Fallou em seguida o socio Evaristo de Castro como representante da Academia dos Timidos, bem assim no mesmo caracter o socio Alfredo Silveira que estiverão na altura de assumpto.

Fallou ainda o socio Castro concitando a todos os socios deste Club a empregarem seus esforços para que o mais breve possivel se ja construido o edificio do Club.

Nada mais havendo a tratar foi pelo sr. Presidente encerrada a sessão do que para constar se lavrou a presente acta que depois de approvada será assignada pelo sr. Presidente e por mim secretario.

O Presidente—Pedro Nolasco Pereira.

O Secretario—Guilherme Verissimo.

Subscrição.

Promovida á auxiliar a construcção do prédio para as aulas, bibliotheca e sessões do «Club Aurora da Serra, nesta cidade.

Evaristo Affonso de Castro	100\$000
Verissimo Lucas Annes	100\$000
Fernando Bonorino	50\$000
Carlos Pereira de Noronha	25\$000
Francisco Cardoso de Carvalho	25\$000
Carlos Uffacker	10\$000

Pedro Nolasco Pereira	50\$000
Os irmãos Verissimos	250\$000
Carlos Holsbach	5\$000
Affonso Maria Carpes	3\$000
Antonio Saruby	2\$000
Vicente Pedro de Queiroz	10\$000
Augusto Schoroeder	10\$000
Francisco de Paula Timotheo	2\$000
José Maria Carpes	2\$000
Lucio Annes Dias	20\$000
João Chrisostomo de Azevedo	20\$000
Christiano Winckler	5\$000
Luiz Frederico Dockorn	2\$000
D. Antonia Rodrigues Pereira	10\$000
D. Anna Pereira L. Annes	5\$000
Francisco Berenhauer	20\$000
José Ferreira Carpes	2\$000
Ricardo Netto de Mattos	2\$000
Lucio Martello	5\$000
Vicente Chiavaro	8\$000
Francisco Amorelli	10\$000
Bento Luciano da Silva Cordeiro	20\$000
José Pereira de Campos	5\$000
José Joaquim dos Santos Lima	20\$000
Josino dos Santos Lima	10\$000
João Luiz Niederaper	3\$000
Ildefonso Antonio de Godoy	10\$000
João Barbosa Cordeiro	10\$000
José Caetano Motta	10\$000
Felix Tudela Nadal	1\$000
João Hoffemeister	5\$000
João Paulino de Carvalho	2\$000
Guilherme Joaquim da Costa	5\$000
Timotheo de Souza Feijó	10\$000
Manoel Netto de Mattos	10\$000
Luiz Fellippe Peixoto	10\$000
Geiso Christiano Dezouzart	20\$000
José Salomão de Leão	2\$000
Marinho Cesar de Macedo	5\$000
João Theophilo Claverie	5\$000
J. Becker	20\$000
José Joaquim Pereira de Noronha	20\$000
João Francisco Sanchez	5\$000
Diouizio D. de Albuquerque	5\$000
H. Teschner	10\$000
José Lucas Dias	5\$000
Alexandre L. de Campos	5\$000
Diuz Dias Filho	10\$000
Ulysses Eugenio da Rosa	5\$000
Manoel Lopes Netto	10\$000
José da Silveira Loureiro	100\$000
Antonio Lopes da Silva	10\$000
José Mena	15\$000
Sesefredo de Moraes Silveira	50\$000

Alfredo de Moraes Silveira	50\$000
Procopio Gomes de Moraes	50\$000
Antonio Joaquim da Rosa	10\$000
Manoel João de M. Silveira	20\$000
José Loureiro de M. Silveira	10\$000
Anísio José Domingues	10\$000

Subscrição entre os Srs Commercializantes por a acado em Porto Alegre.

Antonio C. da Fontoura	50\$000
Antonio Dias dos Aydos & Comp. ^a	50\$000
Cunha Reis & Comp. ^a	50\$000
Macedo & Azevedo	50\$000
Ernesto Fontoura	50\$000
Warnek & Dorkem	50\$000
Antônio Rodrigues Tavares & C. ^a	50\$000
Ernesto Beneke Rech & Comp. ^a	50\$000
Sebastião de Barros	20\$000
Freitas Valle & C. ^a (Alegrete)	50\$000
José Guerra & Irmão (Livramento)	35\$000

Colaboração

Aos distintos membros da associação «Aurora da Serra».

Sabendo por tradição do quanto havia trabalhado a vossa distincta e humanitaria associação em prol da redempção dos cativos, de passagem n'essa cidade, fui visitá-la; não posso suffocar o desejo de testemunhar-vos a minha gratidão pela maneira benevola com que me recebestes.

Saudado por um dos vossos mais esforçados associados, fui eu elevado a uma altura desconhecida como abolicionista; senão reconhecesse de sobejo a pequenez dos esforços que empreguei em favor de tão sancta causa tomar-me-hia vaidoso n'esse momento.

Devo, porem, confessar-vos: desde o alvorecer de minha razão não tive outro desejo, out' o vicio, posso assim dizer, que não fosse o de ver extinto n'este nosso tão bello paiz esse trafego infamante que o torna bellido aos olhos do estrangeiro civilizado; e, se não trabalhei mais, foi mesmo porque, nada mais podia fazer, faltavam-me forças e recursos.

Pelas linhas que seguem vereis de que maneira fui abolicionista.

Ja lá vão uns doze annos que tive o sonho que vos vou relatar; não é uma invenção.

Eram duas horas de uma madrugada de inverno chuvosa e trovejada, quando, cansado ja de ler e reler as lições que ao outro dia tinha que levar preparadas para a aula, fui metter-me na cama em busca de repouzo.

Tinha eu então, 15 annos; dizer-vos que para dormir bastou deitar-me parece-me desnecessario; n'essa idade sempre se está predisposto ao somno: as vigílias são incessantes pelas noites da mocidade.

Ainda bem não fazia uma hora que dormia quando despertei sob uma grata impressão: havia sonhado.

Esse sonho, vos vou relatar, sem omitir uma só circumstancia, em linguagem clara e despretenciosa, sem uma sombra de poesia, nem as roupagens da intelligencia que seduzem e attrahem.

Eil-o:

O lugar era lugubre e medonho, assemelhava-se a um vasto cemiterio; cadaveres ambulantes carregados de cadeias ferreas percorriam o espaço... ouvião-se os soluços e gritos de afflicção de um milhão e meio de infelizes; era uma massa informe que ao som das correntes e n'um choro sem calma imploravam aos céos allivio aos seus tormentos, linitivo ao seu soffrer.

Deus ouviu os gritos de angustia d'aquelles infelizes; um anjo das alturas desceu envolto em candidas roupagens, trazendo na dextra um faxo e com a sinistra apontando para o porvir a-sim lhes fallou: «Eu sou a liberdade; dade, no passado gemi, penei nas amarguras, mas hoje o verbo sou ás gerações futuras.»

Expugai os vossos prantos; calai os vossos clamores; não está longe o dia em que tereis uma nova vida cheia de encantos, paz, amor e essas cadeias cairão por terra rotas, despedaçadas ao sopro benéfico da divindade; não mais continuará a persistir esse infame privilegio de côres que o preconceito, ou, quiçá, o egoismo criou; reinará a paz e a tranquillidade, e o grande povo brasileiro senta d'á sombra dessa grande arvore que produz os preciosos fructos da «Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade», contemplando assombrado á sua prosperidade e grandeza; poderá orgulhoso dizer ás demais nações do Universo:—aqui só se respira as brizas da liberdade, som's uma só familia, tendo uma unica mãe—a patria; somos em fim um paiz livre e humano, e exigimos de vos

um lugar à mesa onde se celebra o grande banquete da civilização Universal.

Socegai, vos repito, não está longe o dia em que as vossas lágrimas se transformarão em risos, as vossas angustias em prazeres, as vossas dores em gozos, os vossos sofrimentos em felicidades.

Esperai e crede!

Assim fallou o anjo e desapareceu deixando apoz si um rasto luminoso...

Abi despertei eu, e ainda impressionado com aquelle quadro de amarguras que havia contemplado, ajoelhei-me e jurei trabalhar eternamente para que se tornassem uma realidade as palavras do anjo.

E assim foi: desde então dediquei-me à causa dos opprimidos—luctei e soffri muito; ao principio quiz recuar, mas comprehendí que embora proseguir fosse a morte eu devia fazello porque a derrota importava em maior perda—era a deshonra.

Eu era bem creança então, e, não contava com o menor auxilio; sem amigos, pobre, sem intelligencia, era uma lucta ingloria a que eu ia travar; mas uma vez em face da barreira que me havia proposto vencer, não recuei.

Os meus inimigos eram muitos, fortes e poderosos e usaram em lugar de armas nobres e leaes, da calumnia e da infamia.

Atiraram-me toda a sorte de injurias, foram procurar nas sargetas uma para me manchar a honra, armaram braços inconscientes para me tirarem a existencia, e nada me abalou, tudo supportei e repelli com as unicas armas que usava—resignação e perseverança.

E foi assim que consegui ver a meu lado um pugillato de patriotas, que vindo-me completamente desamparado vieram em meu auxilio.

A lula então tornou-se encarnizada e forte, e, pouco a pouco os escravagistas comprehendendo que erão impotentes foram na maior parte enfraquecendo e abandonando a arena do combate, emquanto os outros vinham reunir-se à phalange d'aquelles que se guiavam pelas doutrinas do Divino Mestre, empunhando o lábaro santo do Redempção dos captivos.

Foi assim que conseguiu-se restituir a liberdade de mais de um terço d'esses nossos infelizes irmãos que nesta provincia, de onde sempre primeiro tem salido o grito de alarma para defeza de todas as causas santas e humanitarias, soffriam os horrores d'esse captivo torpe, iniquo e desmoralizador.

Ainda, porem, não está completa a obra da

Redempção nesta Provincia, e, se a alguem compete trabalhar para que se consiga esse desideratum é com certeza a mocidade sobre quem repouzam tolas as esperanças de um futuro brilhante e feliz para a nossa tão amada patria.

Abi bem perto de vós—existem villas e povoados que ainda contam, embora, que em pequeno numero, escravos; é dever vosso trabalhar afim de que sejam elles restituídos à sociedade que lhes roubaram.

Os homens do governo encantados com os gozos e delicias do poder não se recordam dos males que affligem a humanidade, e, o Imperador «que não tem tempo para pensar n'isso», não os chama ao cumprimento do dever.

Trabalhae, pois, mocidade! pela imprensa, pela tribuna, por meio de subscrições populares, de todos os modos, enfim; e os resultados que obtiverdes de vossos humanitarios esforços remettei a esses lugares onde ainda existem escravos afim de que sejam elles libertos; e, mais ainda, quando nesta provincia nem mais um escravo exista, não vos julgueis isentos de trabalhar,=o Brazil é vasto e em grande parte de suas provincias ainda existem captivos que precisam de vossos esforços.

Quando, então, o Brazil seja completamente livre, podereis descansar, certos, de que tereis a grande recompensa que a historia vos dará, registrando vossos nomes como bemfeitores da humanidade e libertadores da patria.

Cruz Alta, 9 de Novembro de 1885.

G. S. Junior.

O mestre-escola.

Nobre, mas difficilima missão!

Nobre=porque é sobre a sua dedicação e desvellos que assenta a base do futuro engrandecimento das nações, preparando e cultivando o espirito e o coração d'essas creancinhas frageis, à quem está reservada a continuação da penosa lida pelo eterno problema da felicidade universal: difficilima—porque nenhum outro serviço depende de mais paciencia e resignação e nenhuma outra profissão é mais ardua e mais trabalhosa.

Entremos na escola.

Assentadas sobre compridos bancos e des-

prendendo essa vozeria, que é capaz de enlouquecer a um homem mas não ao mestre, que antes os escuta com evangelica resignação. eis essa multidão de creanças, umas embebidas na cantarolice de suas lições, outras a brincarem ou brigarem com seus companheiros, e outros, finalmente, chorando á bandeiras despregadas por um bolo ou qualquer outra coisa que se lhes fez.

Ao longe, no fundo do salão, sentado sobre uma larga cadeira, em cima de um estrado, grave e circumspecto apparece o mestre. De sua gravidade porem, resalta de quando em quando um sorriso ameno; ha na sua circumspeção a serenidade de consciencia de quem sabe o papel que está representando.

Quando ensina, quando falla a seus meninos, sente-se que ha dentro d'elle tambem alguma cousa de creança, alguma cousa de ternura.

E' a lei do contacto.

Si se encommoda, si se irrita contra qualquer discipulo e vai castigal-o. uma força occulta o detem, e maquinalmente vem-lhe a lembrança de que está lidando com creança — e as creanças não sabem o que fazem.

Oh! que quadro santo e delicioso esse que nos apresenta a escola, repleta de creanças, e no meio de todas essas creanças, bonitas e feias, socegadas e traquinas, sérias e galhofeiras, o mestre, homem pacato, reflectido. symbolisan do n'esse contraste sublime o coração piedoso e magnânimo de Christo, quando disse: *Seni-te parvulos venire ad me.*

Stenzel.

Depositada na campa de Francina Fernandes de Mattos, em 2 de Novembro de 1883.

Francina, faz hoje um anno, que jaz
Nesta triste e fria sepultura;
Aqui não tem ar, nem luz o dia,
Nas é onde finda a desventura!

Faz hoje um anno que attendendo,
Arcanos de Deus, a Deus voaste;
Attendendo essa lei irrevogavel,
Na dôr e desespero nos deixaste!

Em tua sepultura anjo querido,
Eu venho derramar amargo pranto
De profunda saudade, dôr pungente

Por ti, que ver, em vão desejo tanto!

Como emblema da mais profunda dôr
Venho depositar esta saudade;
Aqui, onde findão as esperanças,
Aonde existe a realidade;

Chronica.

O nosso amavel chronista, desta, vez cedeu o lugar a um distincto cavalheiro, que nos honrou com um folhetim descrevendo a festa ultima; assim é que não vem hoje com suas apreciadas chronicas accupar o lugar que lhe compete nesta Revista.

Evaristo A. de Castro.

Bellas leitoras e leitores:

Abi vai uma pallida descripção da festa do Espirito Santo realisada pelo Club Aurora da Serra.

O máo tempo em seu começo tentou interrompê-la; um tufão enorme, acompanhado de chuva abalou profundamente os fieis que se achavão em oração em uma das noutes de novenas: jamais esperararia que nessa noute houvasse leilão, quanto mais concorrência; dançando-se algumas marcas no final do leilão, que esteve bastante animado.

No dia da festa que constou de missa cantada procição o que tudo esteve muito concorrido, a noute houve baile, o qual esteve excellente e animadissimo. Descrever fielmente, o que se deu ali, é tarefa superior ás minhas forças: no turbilhão puro dos nobilissimos sentimentos da familia, a mulher tem inquestionavelmente, o tal condão da varinha magica! Não ha coração por mais forte que não se renda aos seus encantos, ás suas graças e attractivos, confesso; havia muitas jovens bellas, mas havia uma que na opiniao do bumilde folhetinista e de mais alguns, foi a rainha do baile, qual o sentioilet?! deixemos o enigma para as leitoras decifra-

rem; como a mulher é egoísta n'este sentido! Dar primazia a uma quantas pragas.

Parece que estou cuindo outra dizer não tem tanta graça como lhe parece, olhe fu'a na, os olhos; aquillo, enfim não é bonito... e em seguida um bandão de cousas... Mas o folhetinista fica «calula» como se diz, lá se arranjam.

Sorriem no entretanto a fragrancia da flor odorosa que trazia preza aos lindos cabellos, e advinhem mais por quantos santos ha no céu e na terra, não calumniar o folhetinista que não tem a culpa de relatar o que viu.

O nosso Alfredo, como estava poetico diante daquella deusa que com formas á semelhança das formosas nymphas da mythologia grega—bella elegante, com seus olhos a faísca rem lume, attrahem cada vez mais,

Cuidado Alfredo!

E o nosso caro Dezonart! Aquelles olhos negros e brilhantes, aquelle porte elevado e esbelto, o fascinarão, tem razão amigo, e agora as sandades?...

E o amigo João B. disse que estava doente, mas foi o primeiro que lá se apresentou, vi-o ao lado de uma jovem muito salisteito.

Que maganão!!

E o nosso amigo Guilherme V. passeando esquecido horas em doces enlevos, ao lado de uma sympathica, jovem todo cheio d'aquella amabilidade que lhe é proverbial.

Ainda lá meu Guilherme!

E o nosso carissimo Josino com aquelles modos cortezes: então quantas jovens quer conquistar afinal amigo?!

Chega de ser tão ingrato.

passarão incessantemente pelo espaçoso e bem preparado salão, erão como estrellas brilhantes a despedirem luz de seus castos e alegres sorrisos, por sobre aquella bella e agradável reunião.

La esquecendo-me de dar os parabens aos nossos amigos Dezonart e Alfredo, dignos directores do baile pelo quanto se esforçarão para o seu abrilhantamento.

O Juquinha, o João Pedro Gonçalves, e tambem o Anizio formarão um satellite, em volta de um novo planeta, senti na occasião não ter um bom par de oculos, para melhor apreciar-os.

Talvez a lua seja habitada... queria trazer umas florinhas de lá! Não se zaguem por Christo, com o diabo do folhetinista, que tem uma missão escabrosissima, parece que errai este termo, estou mesmo já com a cabeça a juros, com esta embrulhada de cousas e loisas... mas tenham paciencia um pouquinho mais que isto não é sempre.

Finalmente o nosso sympathico Olive rio atravessou o salão como um meteoro! que ingrato dançou apenas uma contra-dança.

Mas... afinal, vejo que já é muita massa-da, que enfim muito a meu pesar são cace tadas de matar, por isso concluo este desenchabido folhetim, enviando ás amabilissimas leitoras e leitores os protestos da minha maior estima e consideração; e ao meu amigo Evaristo Affonso de Castro o heroe da festa um apertadissimo abraço.

1.º de Dezembro de 1885.

Airemor.

Sabbado, 5 do corrente, haverá sessão extraordinaria no club «Aurora da Serra», na qual será apresentado o parecer da commissão nomeada para examinar as contas apresentadas pelo socio Evaristo Affonso de Castro, relativas á ultima festa religiosa.

Prelaccionará, na referida sessão, sobre a educação da mulher, o Sr. João Pedro Gonçalves Junior.

A sessão será aberta ás 8 1/2 horas da noite.

Typ. do Philomontano.

Emfim, uma chusma de lindas jovensinhas